



2021  
BOM ANO

boletim informativo  
do centro pinus  
issn - 0874-6109

pinuspress



INVERNO 2021

48

pinuspress

ASSOCIADOS		
aimmp	floresta atlântica	madeira
anefa	fnapf	mtl
baladi	forestis	pinhoser
carmo wood	fórum florestal	resipinus
celtejo	ibet	sonae arauco
ds smith paper viana	icnf, i.p.	unac
esac	iniav, i.p.	unimadeiras
fenafloresta	investwood	utad
fibromade	isa	vierifabril
	lusofinsa	

centro **PINUS** associação para a valorização da floresta de pinho

**pinuspress**

**PROPRIEDADE**  
associação para a valorização da floresta de pinho (centro pinus)

tel. (+351) 258 738 067  
www.centropinus.org  
info@centropinus.org

www.facebook.com/centropinus  
www.youtube.com/centropinus  
www.linkedin.com/company/centropinus  
www.instagram.com/centropinus

**REDAÇÃO**  
centro pinus

**DESIGN**  
ficta design

**TIRAGEM**  
2.000 exemplares

**ISSN**  
0874-6109

**FOTOGRAFIAS**  
centro pinus



# BOM ANO NOVO 2021

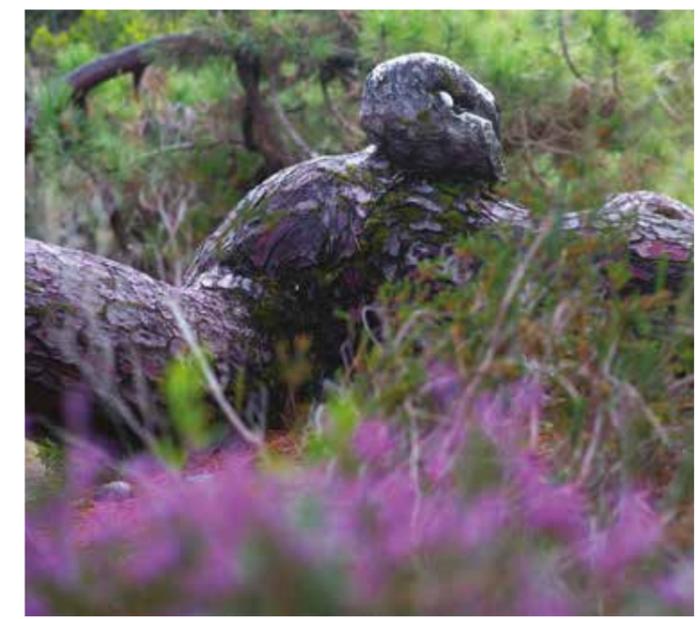
DEPOIS DA TEMPESTADE DE 2020, SAÍMOS MAIS FORTES PARA UM NOVO ANO, ESPERANDO A ANSIADA BONANÇA

## ATIVIDADES DESTINADAS À SOCIEDADE

Sabemos que o sector florestal precisa de comunicar mais e melhor com a sociedade, e o Centro PINUS, assim como outras organizações do sector, tem feito um grande esforço para manter essa atuação com consistência. Neste contexto, foi com todo o gosto que voltámos a participar no Concurso “Árvore do Ano”, uma iniciativa europeia em que o nosso país começou a participar há 3 anos, por iniciativa da UNAC. O candidato nomeado pelo Centro PINUS, “O Bravo do Pinhal do Rei”, é um pinheiro extraordinário com cerca de 125 anos, localizado na Mata Nacional de Leiria. Este merece sem dúvida a curiosidade e a visita de qualquer um, sobretudo nestes tempos em que a paciência e a resiliência são virtudes cada vez mais necessárias. Participe na final europeia e vote no Plátano do Rossio, o vencedor nacional deste ano. O Centro PINUS já está à procura do candidato à edição do próximo ano. Se tiver alguma sugestão, entre em contacto connosco.

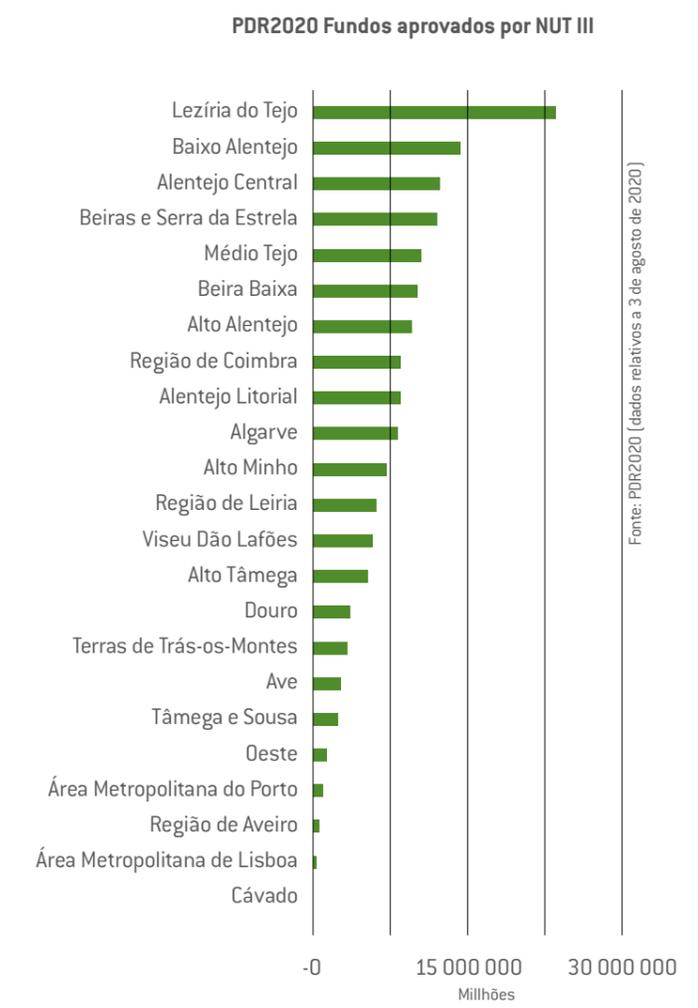


O Centro PINUS organizou também, para assinalar o Dia da Floresta Autóctone, o PINUS Webcast “O Papel da Floresta na Recuperação Económica Nacional”. Este evento, dirigido à sociedade, debateu o sector florestal numa visão integrada e holística, abordando as perspetivas económica, ambiental e também social e emocional, contando com as intervenções de José Pamplona, Escoteiro Chefe Nacional Adjunto da Associação de Escoteiros de Portugal, de Francisco Ferreira, Presidente da ZERO, e do economista João Ferreira do Amaral. O livestream do Webinar encontra-se disponível no Facebook e no canal de Youtube do Centro PINUS, onde já excedeu as 2 000 visualizações. Ajude-nos a dar a conhecer melhor o nosso sector junto da sociedade seguindo o Centro PINUS nestas redes sociais, também agora no INSTAGRAM, e partilhando as nossas mensagens.



## RONDA DE REUNIÕES COM COMUNIDADES INTERMUNICIPAIS

Depois de apresentar o seu posicionamento no contexto do futuro PDR ao Governo e principais organismos da administração pública central, o Centro PINUS iniciou uma ronda de contactos com as Comunidades Intermunicipais em que a floresta tem uma expressão territorial relevante. Apesar de a introdução dos anúncios regionais no PDR2020 ter sido uma medida muito importante e que se deve manter, as regiões em que predomina a propriedade privada de pequena dimensão ainda têm menor capacidade de mobilizar aquele que é o principal programa de apoio ao sector florestal. Como se constata na imagem, as NUT III em que a dimensão média da propriedade é maior continuam a receber mais financiamento, sendo que, de acordo com a AGPDR, 50% do valor foi atribuído a 6 NUT III [dados de 3 de agosto de 2020]. Este facto é prejudicial para toda a floresta do Norte e Centro do país, que é predominantemente privada e em minifúndio e não apenas para o pinheiro-bravo. O Centro PINUS considera assim que a solução deste problema deve mobilizar todos os atores



afetados, e que também as CIM e as autarquias devem ser importantes aliados no processo. Em meados de dezembro, o Centro PINUS tinha reunido com 8 CIM, sendo que em todos os casos desconheciam os dados de investimento do PDR2020 na sua região. A documentação disponibilizada no contexto da consulta alargada do PEPAC (que encerra a 8 de janeiro de 2021) demonstra, na nossa opinião, que ainda não se verifica vontade política para solucionar este problema.

# PRODUÇÃO DE PINHEIRO-BRAVO: FATORES INTERNACIONAIS DE SUCESSO

O pinheiro-bravo também é uma cultura importante noutros países, onde existem práticas silvícolas e conhecimento que podem ser replicados ou adaptados às nossas condições.

## GALIZA

“A minha aposta é que se a tendência do recurso florestal é de regressão e os mercados necessitam de madeira de coníferas, este não é o momento de perder esta oportunidade mas sim de investir em coníferas”

Juan Picos da Universidade de Vigo



Potencial dos baldios e áreas públicas como fornecedores de madeira. Grande procura de madeira no mercado.

## CASTELA E LEÃO

“A aposta nos coutos micrológicos contribuiu de facto para a atratividade turística da região”

Álvaro Picardo da Junta de Castela e Leão



Valorização das funções de Proteção e Conservação. Uso Multifuncional. Povoamentos mistos de *Pinus* e de *Pinaster* com *Quercus*.

Otimização das operações e aposta no Melhoramento Genético.

## AQUITÂNIA

“Graças à constante aposta na inovação e melhoria das operações florestais, hoje um produtor florestal paga o mesmo que há 50 anos para plantar um pinhal”

Loïc Cotten da Alliance Forêts Bois



## AUSTRÁLIA

“É comum termos acréscimos médios anuais superiores a 8 m<sup>3</sup>/ha/ano com períodos de seca superiores a 6 meses e 500-700 mm de precipitação anual”

Owen Donovan, Eng.º Florestal



Melhoramento Genético (elevada produtividade e qualidade em clima seco). Fogo controlado faz parte da gestão.

O Centro PINUS e o Centro de Competências do Pinheiro-Bravo promoveram um Ciclo Internacional de Webinars que dão a conhecer melhor esta espécie nas regiões espanholas da Galiza e Castela e Leão, na região francesa da Aquitânia e na Austrália Ocidental. Todos os Webinars se encontram disponíveis para visualização no canal de Youtube do Centro PINUS e todas as apresentações dos oradores são disponibilizadas em [www.centropinus.org](http://www.centropinus.org) (menu notícias). Em 2021 decorrerá outro Ciclo Internacional de Webinars, agora alargado a outras espécies de *Pinus* relevantes do ponto de vista económico em vários países do mundo.

### TENDÊNCIAS DE MERCADO

Em todas as regiões se verifica uma expressiva e diversificada procura de mercado. Neste ponto, a Austrália é a exceção que confirma a regra, numa situação marcada pela geografia. Juan Picos, suportado pelo interessante e recente relatório da sua autoria, “Perspectivas Futuras del Mercado de la Madera de Coníferas. El papel de la Mejora Genética En La Cobertura de la Demanda”, explicou como, a nível mundial, a produtividade de coníferas está a diminuir, enquanto

o comércio e a procura daquele tipo de madeira acusam uma tendência oposta. Foi curioso saber que em França existe um ditado que compara o pinheiro-bravo ao porco, em que “tudo se aproveita”. Desconhecemos ditado equivalente em Portugal, mas bem poderia existir, tal a versatilidade da espécie.

### A RELATIVIZAÇÃO DE ALGUNS ESTRANGULAMENTOS

Uma constatação interessante que se pode realizar comparando as intervenções dos oradores deste ciclo, é de como determinado facto pode tornar-se ou não um estrangulamento, em função da forma como é considerado. Quando questionam Owen Donovan por que razão não tem havido investimento privado em plantações na Austrália Ocidental, ele refere a dificuldade de articular vários proprietários para conseguir a escala necessária para alavancar investimento privado. Estamos habituados a ouvir este argumento em Portugal, mas, naquela região da Austrália, a dimensão média da propriedade privada é de 200 hectares. Por oposição, na Aquitânia, em que a dimensão média da propriedade, apesar de superior à que se verifica no Norte e Centro de Portugal, ser considerada minifúndio

à escala mundial, sendo comum parcelas entre 3 e 5 hectares, encontraram soluções para lidar com essa realidade e o facto de a propriedade ser de pequena dimensão não é repetidamente apontado como o principal estrangulamento ao desenvolvimento florestal da região. Outro exemplo semelhante da relativização dos factos é o cadastro. Quer para Galiza, quer para Castela e Leão, os oradores referiram o abandono das áreas privadas como uma ameaça relevante. Mas enquanto Álvaro Picardo referiu a ausência de cadastro como uma das causas, Juan Picos, em representação da Galiza, região com cadastro, naturalmente nem aludiu ao cadastro na sua intervenção.

### VALORIZAÇÃO DAS FUNÇÕES DE CONSERVAÇÃO E PROTEÇÃO E RELAÇÃO COM POLÍTICAS PÚBLICAS

Um denominador comum a estas regiões é o facto de a cultura do pinheiro-bravo ter sido incentivada por políticas públicas que visavam dar resposta a desafios ambientais, em que a capacidade da espécie para colonizar solos pobres se destaca. Na Austrália, testaram várias espécies e o pinheiro-bravo proveniente de Leiria foi a que demonstrou mais sucesso

em condições de aridez associada a solos arenosos. Já na Aquitânia, o pinheiro-bravo conseguiu colonizar e recuperar solos pantanosos, facto que, em oposição ao caso Australiano, evidencia a enorme versatilidade da espécie. Com a passagem dos anos, a excelente adaptação da espécie e a versatilidade da utilização dos seus produtos, nomeadamente da madeira, fizeram com que a valorização económica da cultura tenha assumido um papel mais importante. Na região de Castela e Leão a cultura do pinheiro-bravo continua a ser mais valorizada pelo seu carácter multifuncional e pelos serviços do ecossistema, sendo que nesta região a produtividade lenhosa é muito baixa. A análise comparativa destas regiões evidencia a esmagadora importância das políticas públicas para os recursos florestais. Na Galiza, em Portugal e na Austrália verificou-se que, na ausência de políticas públicas estáveis e adequadas, a iniciativa privada foi insuficiente para impedir a diminuição de área da espécie. Na Aquitânia, apesar de a propriedade ser maioritariamente privada, as políticas públicas mostraram-se adequadas para alavancar a iniciativa do sector privado.

### MODELOS DE SILVICULTURA

Na Aquitânia, em resposta aos grandes danos provocados pelas tempestades de 1999 e de 2009, introduziram uma maior flexibilidade na gestão, procurando a possibilidade de encurtar o ciclo de produção, como resposta ao risco, e uma maior adaptação às condições de mercado. Atualmente, naquela região, estão a praticar dois modelos: um deles, caracteriza-se por uma densidade superior no momento da instalação (2 500 plantas por ha), com um corte final aos 15 anos, precedido ou não por uma redução de densidade entre os 5 e 10 anos, realizada em função da procura e remuneração do mercado de biomassa naquele intervalo de tempo. O outro modelo, mais semelhante ao tradicional, prevê uma densidade inicial de 1 500 plantas por ha e um modelo de gestão em que, dependendo das condições de mercado, se realiza (ou não) o primeiro desbaste comercial aos 15 anos e o corte final aos 25 anos e em que, de forma simplificada, a cada 5 anos o produtor decide realizar um novo desbaste ou o corte final. Quer esta flexibilidade do modelo de gestão e silvicultura em função do mercado, quer a utilização de

plantas melhoradas são estratégias que podem de imediato ser utilizadas em Portugal. Apesar de, por descontinuidade e insuficiência do financiamento público, o programa de melhoramento genético português, da responsabilidade científica do INIAV, não se encontrar tão avançado como outros congéneres internacionais, o CENASEF já comercializa semente com ganhos de 21% em volume e 17% em forma, atualmente com a designação de “MFR Qualificado”.

### EXPRESSIVOS AUMENTOS DE PRODUTIVIDADE

São verdadeiramente inspiradores os exemplos de aumentos de produtividade. Na Aquitânia, graças a uma aposta no Melhoramento Genético e na otimização das operações e do modelo silvícola, o acréscimo médio anual aumentou de 4,8 m<sup>3</sup>/ha/ano para 12 m<sup>3</sup>/ha/ano em cerca de 50 anos. Na Austrália Ocidental, o Melhoramento Genético permitiu um acréscimo de volume de 140%, sendo atualmente comuns acréscimos de 12 m<sup>3</sup>/ha/ano por contraste a 1 m<sup>3</sup>/ha/ano, quando as primeiras plantas provenientes de Leiria foram introduzidas naquele país.